

Vigiar e Punir: história da violência nas prisões - uma leitura infame?

André Luiz dos Santos¹

Resumo:

O presente texto faz parte dos estudos que tenho desenvolvido no doutorado, no qual procuro discutir as diferentes confluências entre um saber infame e a educação em Michel Foucault. Nos quarenta anos de publicação de *Vigiar e punir: história da violência nas prisões* é importante indagar sobre o sistema disciplinar, como ainda está presente no interior de nossas práticas e de nossos discursos sobre a educação, a escola, o aluno e a própria “verdade” de nossos saberes. Como poderíamos pensar hoje a constatação foucaultiana da “*troca do eixo político da individualização*” efetuado no regime disciplinar. No entanto, a pergunta se direciona no sentido de pensar sobre a prática da leitura de Foucault. Questão que se desdobra em duas possibilidades: uma que se refere a um gosto ou um amor de Foucault a erudição. Outra possibilidade que aponta para as “intensidades” das leituras foucaultianas, especialmente no que se refere aos infames. A leitura encontrar-se-ia então nas entranhas da genealogia foucaultiana, na busca do “*saber histórico das lutas*”, da “*memória dos combates*”. Está em questão nessa luta como os textos podem ser lidos, mas também o que pode ser lido.

Palavras-chave: leitura, infame, Foucault.

1- Apresentação:

O presente texto faz parte dos estudos que tenho desenvolvido no doutorado, no qual procuro discutir as diferentes confluências entre um saber infame e a educação em Michel Foucault. Podemos iniciar nossa discussão lembrando a afirmação foucaultiana da escola como uma “*máquina de aprender*”, assim como o hospital é uma “*máquina de curar*” e a moradia, “*máquina de morar*”. Espaço asséptico aos encontros, aos riscos das multiplicidades, aos vícios, ao ócio, a embriaguez. Espaço analítico, de

¹ Professor da Universidade Estadual de Goiás. Aluno de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. E-mail: andre.luis@ueg.br

uma pedagogia analítica, em que se empregam diferentes táticas de antideserção, de antivadiagem, de antiaglomeração.

A época clássica, com seus grandes e eficientes modelos de encarceramento, descobre o corpo como objeto e alvo do poder. Para Foucault (1999, p. 117) um corpo “*que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas as forças se multiplicam*”. É apresentado o modelo do “*homem-máquina*”, a união do corpo analisável com o corpo manipulável pelas vias da “*docilidade*”. Os esquemas de docilidade serão de grande interesse para o século XVIII. O corpo dócil pode ser submetido, utilizado, transformado e aperfeiçoado.

Está em curso no período clássico o nascimento de uma “*arte do corpo humano*”. É o momento histórico das disciplinas, uma nova política das coerções e da dominação, uma nova “*microfísica do poder*”, diferente da escravidão, da domesticidade, da vassalagem e do ascetismo monástico. O corpo será esquadrihado, desarticulado e recomposto. Foucault não trata as disciplinas como uma descoberta súbita ou como uma singularidade das diversas instituições disciplinares. As disciplinas estarão nas escolas, mas, também, nos hospitais e nas organizações militares.

As escolas ocupam nas leituras foucaultianas, especialmente no “*Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*”, um espaço importante, do *controle normalizante*, da vigilância que qualifica, classifica e pune, “*uma espécie de aparelho de exame ininterrupto que acompanha em todo o seu comprimento a operação do ensino*” (Ibidem, p. 155). Nos quarenta anos da publicação desse livro ainda é pertinente perguntarmos sobre “*o ronco surdo da batalha*”, sobre como esse poder anônimo e funcional, no sistema de disciplina, ainda está presente no interior de nossas práticas e de nossos discursos sobre a educação, a escola, o aluno e a própria “*verdade*” de nossos saberes.

2- As disciplinas e o processo de individualização:

É o próprio Foucault (ibidem, p. 161) quem indaga sobre o poder das disciplinas, “*emprestar tal poderio às astúcias muitas vezes minúsculas da disciplina, não seria lhes conceder muito? De onde podem tirar tão vastos efeitos?*” Atitude

problematizadora característica que marcará os escritos de Foucault. Para Veiga-Neto (2009, p. 92) atitude presente em toda a obra de Foucault, seja “*problematizando - enquanto atitude radicalmente crítica— quanto perguntando por que algo se torna ou é declarado problemático para nós*”.

Para discutirmos a pertinência do texto “*Vigiar e Punir*” para a educação é interessante retomarmos a constatação foucaultiana de que “*as disciplinas marcam o momento em que se efetua o que se poderia chamar a troca do eixo político da individualização*” (Ibidem, p. 160). Ao contrário do que ocorria em outras sociedades, o regime feudal é um exemplo, em que a individualização está ao lado do poder soberano, no ápice da pirâmide social, é “*ascendente*”. No regime disciplinar a individualização é “*descendente*”. O anonimato e a funcionalidade do poder tende a transformá-lo, sobre aqueles que se exerce, cada vez mais individualizado.

Dessa forma, “*a criança é mais individualizada que o adulto, o doente o é antes do homem são, o louco e delinquente mais que o normal e o não delinquente*” (Ibidem, p. 161). Estaria em funcionamento com as disciplinas “*uma nova tecnologia do poder e uma outra anatomia política do corpo*”. O normal toma o lugar do ancestral, a medida o lugar do *status*. A individualidade do homem memorável é substituída pela do homem calculável. Observações, fiscalizações, medidas comparativas, desvios, a “*norma*” é a referência. Talvez aqui outra forma de pensar o indivíduo, o poder e a própria educação. Para Foucault (ibidem, p. 161)

O indivíduo é sem dúvida o átomo fictício de uma representação ‘ideológica’ da sociedade; mas é também uma realidade fabricada por essa tecnologia específica de poder que se chama ‘a disciplina’. Temos que deixar de descrever sempre os efeitos de poder em termos negativos: ele “*exclui*”, “*reprime*”, “*recalca*”, “*abstrai*”, “*mascara*”, “*esconde*”. Na verdade o poder produz; ele produz realidade; produz campos de objetos e rituais da verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção.

As constatações de Foucault servem como denuncia a um modelo de escola em que o indivíduo é sujeitado. Uma escola em que a psiquiatria, a medicina, a psicologia ou a pedagogia ‘*ortopedizam*’ a educação. Uma escola em que a ‘*normalização*’ é formatada por um cientificismo avesso a indagações, questionamentos, perguntas, gestos e movimentos, suprimindo a possibilidade da multiplicidade, da autonomia e da criatividade. Embora seja recorrente esse discurso nos documentos e projetos

educativos. Poderíamos, pensando junto com Foucault, dizer que nessa escola as relações de poder são produtivas.

Mas seria um equívoco adotar um tom conclusivo ao pensamento de Foucault sobre a escola ou a educação. Talvez pudéssemos dizer de uma intensificação na escola dos processos disciplinares, com incursões astuciosas da psiquiatria sobre os problemas escolares e seu correlato discurso entre profissionais da psicologia e da pedagogia envolvidos no processo pedagógico. Pensar ainda na incursão sistemática, não menos astuciosa, de políticas sociais que articulam práticas assistencialistas aos processos de escolarização. Porque não pensar em novos projetos pastorais desenvolvidos nas escolas, interessados em “resgatar” a alma da criança e dos jovens dos “males morais e econômicos”. Esses mesmos projetos intencionalmente voltados para a produção de disposições e sensibilidades da criança e do jovem “normal educável”.

É interessante ressaltarmos ainda que as disciplinas marcam o momento “*em que as ciências do homem se tornam possíveis*” (ibidem, p. 161). No que se refere à educação, saberes que ocuparão um papel fundamental no que virá a ser pensado sobre o aluno, o professor, o saber e a própria escola. A própria organização do trabalho pedagógico se dará em função das diferentes formas em que saberes como a psicologia, a psiquiatria e a pedagogia se organizarão no processo educativo.

Sugizaki (2012, p. 301), ao investigar as condições arqueológicas do encontro da psiquiatria com a pedagogia, sugere que a cumplicidade entre estes saberes podem ser mais densas e profundas “*do que o trânsito de técnicas educativas entre o normal e o patológico*”. Para Sugizaki (2012, p. 307) desde o início do século XIX a educação se constituirá como um campo de encontro da pedagogia com a psiquiatria, “*no asilo psiquiátrico ou na escola infantil, no tratamento moral ou na didática do ensino da criança normal: os saberes médico, sobretudo o psiquiátrico, e pedagógico se recobrem e se reconhecem na tarefa de educar e curar o homem*”.

A discussão de Sugizaki afirma a constatação foucaultiana de “*que as ciências humanas não são uma análise do que o homem é por natureza*” (Foucault, 2007, p. 488). Aliás, para Foucault (2007, p. 425), “*antes do fim do século XVIII, o homem não existia*”. O homem é ainda “*uma criatura recente que a demiurgia do saber fabricou com suas mãos há menos de 200 anos: mas ele envelheceu tão depressa que facilmente*

se imaginou que ele esperara na sombra, durante milênios, o momento de iluminação em que seria enfim conhecido”.

Mas se no pensamento clássico há uma espécie de ausência de consciência epistemológica do homem, ou mesmo um conceito de natureza humana que impede a condição de possibilidade de uma ciência clássica do homem, as ciências que encantam nossa “humanidade” tem as suas matrizes nas disciplinas e em suas investigações. Foucault (1999, p. 186) entende que “*a minúcia tateante e maldosa das disciplinas e de suas investigações*” são para saberes como a psicologia, a pedagogia, a psiquiatria e a criminologia “*o que foi o terrível poder de inquérito para o saber calmo dos animais, das plantas ou da terra*”. Para Foucault, “*Outro poder, outro saber*”.

3- Leitura infame:

Poderíamos, acompanhando o pensar foucaultiano, problematizar o seu próprio pensamento, e perguntar se não estaríamos concedendo um poder demasiado às astúcias das disciplinas. Nos dizeres de Foucault (2000, p. 351) a realização de um trabalho crítico “*sobre nossos limites, ou seja, um trabalho paciente que dá forma à impaciência da liberdade*”. Talvez seja interessante rever como poderíamos pensar hoje a constatação foucaultiana da “*troca do eixo político da individualização*” efetuado no regime disciplinar.

Num texto publicado em 1977, *A vida dos homens infames*, posterior ao *Vigiar e Punir*, Foucault (2012, p. 204) afirma que “*o ponto mais intenso das vidas, aquele em que se concentra sua energia, é bem ali onde elas se chocam com o poder, se debatem com ele, tentam utilizar suas forças ou escapar de suas armadilhas*”. É a tentativa para Foucault de recolher, escutar falas *breves e estridentes* concedidas aos infames. Para Foucault

Vidas que são como se não tivessem existido, vidas que só sobrevivem do choque com um poder que não quis senão aniquilá-las, ou pelo menos apagá-las, vidas que só nos retornam pelo efeito de múltiplos acasos, eis aí as infâmias das quais eu quis, aqui, juntar alguns restos (Ibidem, p. 206).

Trata-se da vida de homens infames, sem nenhum tipo de glória, recolhidas de documentos dos anos de 1660 a 1760, “*arquivos de internamento, da polícia, das petições ao rei e das cartas régias com ordem de prisão*” (Ibidem, p. 207). Foucault acrescenta “*que a Vida dos homens infames possa se estender a outros tempos e a outros lugares*” (Ibidem, p. 207). Foucault constata um acontecimento importante no qual se cruzam mecanismos políticos e efeitos de discurso. Para aquilo que pode ser tomado como “*desordens insignificantes ou desgraças tão comuns são convocadas todo o poder das palavras e através delas a soberania do céu e da terra*” (Ibidem, p. 207). Para Foucault (Ibidem, p. 208) “*Os discursos de poder na Idade Clássica, tal como o discurso que a ele se dirige, engendra monstros*”.

Nasce, a partir do século XVII, uma nova forma de agenciamento, administrativa e não mais religiosa, uma nova forma de enquadramento, registrada por escrito em arquivos e dossiês. Nasce uma imensa possibilidade de discurso. O poder que se exerce na vida cotidiana não é mais do monarca, “*ele será constituído de uma rede fina, diferenciada, contínua, na qual se alternam instituições diversas da justiça, da polícia, da medicina, da psiquiatria*” (Ibidem, p. 214).

Nesse mesmo período a literatura surge como uma “*arte da linguagem*” suprimindo o fabuloso, que não mais canta o improvável e com o “*dever de dizer o mais escondido*” (Ibidem, p. 216). A literatura passa a fazer parte dos sistemas de coação que coloca o cotidiano em discurso. A literatura passa a ocupar-se “*do escândalo, da transgressão ou da revolta*”. Na literatura permanece o discurso da “*infâmia*”. No entanto, como lembra Foucault “*não é senão o efeito de um certo dispositivo de poder que atravessa no Ocidente a economia dos discursos e as estratégias do verdadeiro*” (Ibidem, p. 217).

O infame é um personagem importante no “*Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*”. Através dos infames poderia ser rememoradas histórias de “*lutas e confrontos*”. Através de um tipo de folhetim e pasquins da literatura popular no século XVII sabia-se sobre o herói negro ou o criminoso reconciliado, em que muitos poderiam neles se reconhecerem, por suas lutas contra a justiça, os ricos, a polícia ou o governo, sabia-se também das “*lutas minúsculas que as trevas acobertavam todos os dias*” (FOUCAULT, 1999, p. 55). A justiça queria usar esses folhetins para fundamentar a suas verdades, como controle ideológico, “*mas se são recebidos com tanta atenção, se fazem parte das leituras de base das classes populares, é porque elas*

ai encontram não só lembranças mas pontos de apoio; o interesse de 'curiosidade' é também um interesse político" (Ibidem, p. 55)

Foucault "curiosamente" diz em seu texto *A vida dos homens infames* que gostaria que este fosse lido como "notícias". E o termo "notícias" é conveniente pela *rapidez dos relatos e a realidade dos acontecimentos relatados*. No entanto, também pelo efeito dessas leituras sobre o próprio Foucault (2012, p. 200),

Eu ficaria embaraçado em dizer o que exatamente senti quando li esses fragmentos e muitos outros que lhes eram semelhantes. Sem dúvida, uma dessas impressões das quais se diz que são "físicas", como se pudesse haver outras. E confesso que essas "notícias", surgindo de repente através de dois séculos de silêncio, abalaram mais fibras em mim do que o que comumente chamamos literatura, sem que possa dizer, ainda hoje, se emocionei mais com a beleza desse estilo clássico, drapeado em algumas frases em torno de personagens sem dúvida miseráveis, ou com excessos, a mistura de obstinação sombria e de perfídia dessas vidas das quais se sentem, sob as palavras lisas como a pedra, a derrota e o afinco.

Não seria um exagero afirmar a partir das leituras de *Vigiar e Punir: a história da violência nas prisões* e *A vida dos homens infames* o interesse de Foucault pela intensidade de seus textos. Foucault nomeará o rápido relato dos infames de "poemas-vidas" e espera que dessas vidas nasça para nós "*um certo efeito de beleza e de terror*". Trata-se de uma raridade na qual realidade e ficção se equivalem.

Talvez possamos retomar a questão posta por Foucault sobre o demasiado poder das disciplinas e seus vastos efeitos e aceitar a leitura de *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões* como uma prática infame para nós professores. Talvez reconhecer a necessidade de nós professores sabermos um pouco mais da "*epopeia menor e cotidiana das ilegalidades*", saber um pouco mais de sua "*força, da graça, do heroísmo, da potência*". Reconhecer, conforme afirma Ternes (2007, p. 64), que "*os novos infames não habitam a cidade moderna. Não são dóceis, nem eficientes. Seus espaços são outros: a arte, a filosofia, a literatura, a amizade também*". Reconhecer enfim a intensidade trágica do pensamento, das emoções e dos sentimentos que justificam o trabalho de Foucault.

4- Saber infame:

Em uma de suas aulas no Collège de France, que data do mesmo período em que escreve *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*, Foucault (1979, p. 168) se refere ao seu trabalho de pesquisa como um gosto pela *maçonaria da erudição inútil*,

Que o trabalho que eu apresentei tenha tido este aspecto, ao mesmo tempo fragmentário, repetitivo e descontínuo, isto corresponde a algo que se poderia chamar de preguiça febril. Preguiça que afeta caracterialmente os amantes de biblioteca, de documentos, referências, dos escritos empoeirados e dos textos nunca lidos, dos livros que, logo que publicados, são guardados e dormem em prateleiras de onde só são tirados séculos depois; pesquisa que conviria muito bem à inércia profunda dos que professam um saber inútil, uma espécie de saber suntuoso, uma riqueza de novos-ricos cujos signos exteriores estão localizados nas notas de pé de página; que conviria a todos aqueles que se sentem solidários com uma das mais antigas ou mais características sociedades secretas do Ocidente, estranhamente indestrutível, desconhecida na Antiguidade e que se formou no início do Cristianismo, na época dos primeiros conventos, em meio às invasões, aos incêndios, às florestas: a grande, terna e calorosa maçonaria da erudição inútil.

A esse belo relato, uma defesa da erudição, sucede-se uma leitura de como as suas pesquisas interessava a seu tempo. Em primeiro lugar, por ser um momento de “*uma imensa e proliferante criticabilidade das coisas, das instituições, das práticas, dos discursos; uma espécie de friabilidade geral dos solos, mesmo dos mais familiares, dos mais sólidos, dos mais próximos de nós, de nosso corpo, de nossos gestos cotidianos*” (ibidem, p. 169). Momento de certo retraimento das teorias totalitárias e globais. A unidade teórica do discurso é “*recortada, despedaçada, deslocada, invertida, caricaturada, teatralizada*”. A crítica adquire um caráter local.

Em segundo lugar, o que Foucault chamará de “*retorno do saber*”, uma “*insurreição dos saberes dominados*”. Foucault (ibidem, p. 170) entende esses saberes como: “*por um lado, os conteúdos históricos que foram sepultados, mascarados em coerências funcionais ou em sistematizações formais*”. Algo que pode ser retomado através da erudição. Por outro lado, “*uma série de saberes que tinham sido desqualificados como não competentes ou insuficientemente elaborados: saberes ingênuos, hierarquicamente inferiores, saberes abaixo do nível requerido de conhecimento ou de cientificidade*”. Um saber diferente do senso comum ou do bom senso, “*incapaz de unanimidade e que só deve sua força à dimensão que o opõe a todos aqueles que o circundam – que realizou a crítica*”.

É a vinculação ou o acoplamento entre o saber desvitalizado da erudição e o saber desqualificado ou rebaixado pela ciência que na leitura de Foucault constituíram a força essencial da crítica. O que Foucault encontrava em comum nesse saberes era o “*saber histórico das lutas*”, uma “*memória dos combates*”. É a partir dessa leitura que se torna possível delinear o que se pode chamar de genealogia. Foucault (ibidem, p.171) denominará de genealogia, “*o acoplamento do conhecimento com as memórias locais, que permite a constituição de um saber histórico das lutas e a utilização deste saber nas táticas atuais*”. Não se trata de um empirismo ou de um positivismo,

Trata-se da insurreição dos saberes não tanto contra os conteúdos, os métodos e os conceitos de uma ciência, mas de uma insurreição dos saberes antes de tudo contra os efeitos de poder centralizadores que estão ligados à instituição e ao funcionamento de um discurso científico organizado no interior de uma sociedade como a nossa.

Podemos supor que tanto o *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões* quanto *A vida dos homens infames* localizam-se em uma dobra entre os estudos arqueológicos e as investigações genealógicas empreendidas por Foucault. É nesse horizonte de indagações acerca do saber e do poder, de desaparecimento do infame e de surgimento da sociedade disciplinar que Foucault (1999, p. 154) afirmará que “*O investimento político não se faz simplesmente ao nível da consciência, das representações e no que julgamos saber, mas ao nível daquilo que torna possível algum saber*”.

5- Considerações finais:

Talvez seja necessário retomarmos a discussão sobre a leitura dos textos de Foucault sobre a prisão e os infames como uma prática infame para nós professores. Talvez reconhecer que não é possível uma leitura da escola como um sistema disciplinar, ou mesmo sobre a docilidade dos corpos, sem problematizarmos, ou ouvirmos o “*ronco surdo da batalha*”. Foucault (ibidem, p. 254) encerra *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões* afirmando que

as noções de instituição de repressão, de eliminação, de exclusão, de marginalização, não são adequadas para descrever, no próprio centro da cidade carcerária, a formação das atenuações insidiosas, das maldades pouco confessáveis, das pequenas espertezas, dos procedimentos calculados, das técnicas, das “ciências” enfim que permitem a fabricação do indivíduo disciplinar. Nessa humanidade central e centralizada, efeito e instrumento de complexas relações de poder, corpos e forças submetidos por múltiplos dispositivos de “encarceramento”, objetos para discursos que são eles mesmos elementos de uma estratégia, temos que ouvir o ronco surdo da batalha.

É ainda importante considerarmos a intensidade que Foucault busca em seus textos. Muito provavelmente algo de uma “bibliofilia”, como o designou muito apropriadamente Ribeiro (1985, p. 24), *“um amor – borgiano – às bibliotecas, a seus textos que subvertem datas e enquadramentos. E não é nos textos teóricos que se esgota esse poder dos escritos, nem a vontade foucaultiana de ler”*. É isso que Foucault faz em sua aula no Collège de France, mais do que indicar caminhos ou alternativas para a pesquisa, declarar o seu amor aos livros e as palavras. No entanto, um amor nômade, daqueles errantes que vagam por estradas desconhecidas. É em nome desse amor que Foucault procurará *“saber a razão pela qual se quis impedir os pobres espíritos de passearem pelas estradas desconhecidas”* (Foucault, 2012, p. 200).

Talvez seja ainda em nome desse amor que Foucault faça referência a “vibração” ou a como suas fibras se abalam com a leitura de um documento antigo. Um encontro com *“Vidas breves, encontradas por acaso em livros e documentos”* (ibidem, p.199). Espera-se *“que dos choques dessas palavras e dessas vidas nascesse para nós, ainda, um certo efeito misto de beleza e de terror”* (ibidem, p.199). Foucault (1999, p. 93) conta com a imaginação do leitor, como se juntos pudéssemos percorrer *“nas encruzilhadas, nos jardins, à beira das estradas que são refeitas ou das pontes que são construídas, em oficinas abertas a todos, no fundo de minas que serão revisitadas, mil pequenos teatros de castigos”*.

Mas haveria nesse lugar de amor aos livros e as palavras, nesse lugar de vibração e de encontros, algo de uma obstinada luta? É com os infames de Foucault que encontraremos com personagens, vidas reais, histórias que ao “acaso” ou pertinazmente atravessam o tempo e surgem, apesar de toda força que lhes lançaram o “raio do poder”,

Divertamo-nos, se quisermos, vendo aí uma revanche: a chance que permite que essas pessoas absolutamente sem glória surjam do meio de tantos mortos, gesticulem ainda, continuem manifestando a sua raiva, sua aflição ou sua invencível obstinação em divagar compensa talvez o azar que lançara sobre elas, apesar de sua modéstia e de seu anonimato, o raio do poder. (Foucault, 2012, p. 206)

A leitura encontrar-se-ia então nas entranhas da genealogia foucaultiana, na busca do “*saber histórico das lutas*”, da “*memória dos combates*”. Está em questão nessa luta como os textos podem ser lidos, mas também o que pode ser lido.

Referências Bibliográficas:

FOUCAULT, M *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. A vida dos homens infames. In: _____. *Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p.203-222

_____. *O que são as Luzes?* In. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins fontes: 2007.

RIBEIRO, Renato Janine. O discurso diferente. In. *Recordar Foucault: os textos do Colóquio Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1985. (p.24-35)

SUGIZAKI, Eduardo. O tratamento moral dos loucos e a educação – Psiquiatria e Pedagogia no nascimento da nossa modernidade. In. *Educativa*. Goiânia, v. 15, n. 2, p. 301-308, jul./dez. 2012.

TERNES, José. Pensamento moderno e normalização da sociedade. In. *Inter-Ação: Rev. Fac. Educ. UFG, Goiânia*, 32 (1): 47-67, jan./jun. 2007.

VEIGA-NETO, Alfredo. Teoria e método em Michel Foucault (im)possibilidades. In. *Cadernos de Educação*. FaE/PPGE/UFPel. Pelotas (34): 83 - 94, setembro/dezembro 2009.